

Política e cultura: uma análise do *frame* político no jornalismo cultural de *Veja* e *CartaCapital*

Politics and culture: an analysis of the political frame on the cultural journalism of *Veja* and *CartaCapital* magazines

Fernando LOPES¹
Karina Janz WOITOWICZ²

Resumo

O presente artigo busca identificar como as questões relacionadas à política são apresentadas na editoria de cultura das revistas generalistas semanais *Veja* e *CartaCapital*. Para tal, utilizou-se como recorte temporal o primeiro semestre de 2018 de ambas as publicações, totalizando 49 textos (20 em *Veja*, 29 em *CartaCapital*). Tais textos foram selecionados como políticos a partir da aplicação metodológica da *framing analysis*, em perspectiva indireta, com o objetivo de observar como a política – em sentido *stricto* - se materializa em veículos demarcados por distinções no espectro político/ideológico.

Palavras-chave: Jornalismo Cultural. Política. *Framing analysis*.

Abstract

This article seeks to identify how political issues are presented in the culture section of the weekly general magazines *Veja* and *CartaCapital*. For that purpose, it was observed as a time cut the first semester of 2018 of both publications, totaling 49 texts (20 in *Veja*, 29 in *CartaCapital*). These texts were selected as political through the methodological application of the framing analysis, in an indirect perspective, in order to observe how politics – *stricto sensu* – are materialized in magazines demarcated by distinctions in the political/ideological spectrum.

Keywords: Cultural Journalism. Politics. Framing analysis.

¹ Mestrando em Jornalismo pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).
Email: fernandolopes@zoho.com

² Doutora em Ciências Humanas. Professora do Curso de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG/PR). E-mail: karinajw@gmail.com

Introdução

Há, no jornalismo, de forma geral, e no jornalismo cultural, de forma específica, uma permanente noção de crise. No segundo caso, a crise se apresenta sob diversos vieses: mercadológica, de formatos, ética, temática etc. Esta noção de crise vem, comumente, acompanhada de certo caráter nostálgico (o jornalismo cultural de outrora *versus* o jornalismo cultural de agora). Em relação às crises do jornalismo cultural contemporâneo, Faro afirma que

[...] os sintomas manifestam-se com a especificidade de sua própria trajetória na história da imprensa. Visto em suas origens como um espaço autêntico de veiculação de idéias, em especial pelo papel que a crítica literária adquiriu em sua formulação ao longo do tempo, o jornalismo cultural teria perdido suas características em razão de uma decorrência quase lógica da preeminência que o *valor de troca* imprimiu à produção cultural, passando a incorporar a forma definitiva geral (ainda que não exclusiva) que tudo adquire sob o capitalismo, a forma da mercadoria (FARO, 2007, p. 2).

Para o autor, portanto, os interesses empresariais que influenciam a produção, circulação e consumo da cultura acabam por atingir também o jornalismo cultural. Como consequência, este acabaria por se tornar mero reprodutor de agendas, tendo o entretenimento como finalidade única.

Apesar disso, o autor acredita que o jornalismo cultural

[...] pode ser ainda espaço de reflexão e de produção que vai no sentido inverso ao da hegemonia dessa lógica, isto é, amplifica questões de natureza estético-conceituais e políticas que o transformam em local privilegiado da produção intelectual de uma determinada formação social (FARO, 2007, p. 4).

Há, nas citações acima, caminhos distintos para o jornalismo cultural: seria este espaço um mero reprodutor de agendas ou espaço de reflexão? Neste artigo, adotamos uma perspectiva não-excludente. Ideias e mercadorias não se anulam: as primeiras estão contidas nas segundas e, pressupõe-se, o jornalismo cultural não se furta a isso. Através da aplicação metodológica da *framing analysis*, temos como objetivo verificar do que tratam as editorias de cultura de duas revistas generalistas semanais – *Veja* e *CartaCapital*.

De antemão, há a necessidade de se justificar essa escolha. A cultura não é o carro-chefe dos veículos analisados, que têm a política e a economia como destaques. Contudo, é esperado que os leitores de *Veja* e *CartaCapital* consumam, também, os conteúdos culturais nelas inseridos, o que tem implicação na construção de gostos e opiniões. Sendo a política um dos temas definidores da identidade destes veículos, buscamos identificar se os posicionamentos adotados por *Veja* e *CartaCapital* nas editoriais de caráter *hard* se espraiam para suas respectivas editoriais de cultura.

Desde sua fundação, em setembro de 1968, *Veja* possui uma editoria fixa de cultura, que se divide em subseções (música, TV, literatura etc). Hoje, a revista lidera o *ranking* das mais vendidas no país, com circulação aproximada de 1,1 milhão de exemplares semanais, de acordo com a Associação Nacional dos Editores de Revistas (Aner)³.

Para além da circulação e de possuir uma editoria fixa e estruturada de cultura – elementos que justificariam sua escolha –, *Veja* também se apresenta como um objeto prolífico para análise devido a seu posicionamento ideológico bem demarcado, o que implica em determinados discursos, angulações e critérios de noticiabilidade. Augusto Nunes, ex-redator-chefe de *Veja*, em entrevista a Alberti, traz um panorama do caráter liberal não apenas de *Veja*, mas de sua editora. Para ele,

[...] a editora Abril tem que defender os valores da livre iniciativa, sistema no qual ela deu certo. Se o sr. Victor Civita [fundador da editora Abril] apoiasse o PT ou quisesse a implantação da cogestão, ele seria um louco e, se fosse um louco, a Abril não existiria porque todo o seu passado reflete uma trajetória coerente. (ALBERTI, 2015, p. 62).

Carta, por sua vez, ocupa a 18ª colocação no *ranking* de revistas mais vendidas no país, com tiragem semanal próxima de 30 mil exemplares, segundo a Aner. Neste caso, a escolha se deu por contraste.

Em seu manifesto, texto utilizado em diversos meios para apresentar o veículo, *CartaCapital* é descrita como “alternativa ao pensamento único da imprensa brasileira”⁴, pressupondo uma homogeneidade da qual pretende se distanciar. O

³ Disponível em <http://www.aner.org.br/dados-de-mercado/circulacao>. Acesso em 26/03/19. Estes são os últimos dados sobre circulação fornecidos pela associação em sua página.

manifesto também afirma que *CartaCapital* “está a serviço da democracia e da diversidade de opinião, contra a escuridão do autoritarismo do pensamento único, da ignorância e da brutalidade”⁵.

Também foi levada em conta a estruturação da editoria de cultura do veículo, que, assim como em *Veja*, possui regularidade e espaço bem definido no produto (em ambas, cerca de dez páginas semanais são dedicadas à editoria de cultura).

Por fim, há a intenção de identificarmos, através da *framing analysis*, se as editorias de cultura de *Veja* e *CartaCapital* estão em consonância com as imagens que estes veículos constroem sobre si próprios, as quais mencionamos, resumidamente, nos parágrafos anteriores.

Dentro das limitações deste artigo, apresentaremos uma análise dos textos identificados com o *frame* “política”. Antes, entretanto, será descrito o caminho metodológico que possibilitou a definição deste e de outros quadros.

A perspectiva indireta de análise de quadros

Para a operacionalização desta análise, foi adotada a metodologia da *framing analysis* em perspectiva indireta, utilizada inicialmente por Vimieiro (2010) em sua dissertação intitulada “Cultura pública e aprendizado social: a trajetória dos enquadramentos sobre a temática da deficiência na imprensa brasileira (1960-2008)”. Esta variação metodológica busca sanar algumas lacunas recorrentes nas pesquisas em enquadramento, identificadas pela própria autora. A principal delas, de acordo com Vimieiro (2010), é a baixa incidência de descrições sobre a “cozinha” da pesquisa, ou seja, a existência de poucos relatos sobre as escolhas e caminhos intelectuais destes trabalhos, o que acaba por incidir em baixa explicitação metodológica e falta de clareza na transição dos referenciais teórico-metodológicos para os operadores analíticos.

Nesta metodologia, o *framing* não é identificado de forma apriorística. Há, num primeiro momento, a fragmentação em elementos de *frame*, que são identificados no momento da empiria e, posteriormente, agrupados pela semelhança que possuem entre

⁴ Disponível em https://play.google.com/store/apps/details?id=air.com.editoraconfianca.revistacartacapital&hl=pt_BR. Acesso em 26/03/2019.

⁵ Idem.

si e a diferença que possuem entre os outros. Somente neste momento o pesquisador “descobre” os *frames*.

Vimieiro aponta algumas vantagens da utilização da perspectiva indireta da *framing analysis*:

A partir da quebra do enquadramento em elementos componentes de um “pacote interpretativo”, os *frames* não são identificados de antemão e nem codificados em uma variável singular. Ao invés disso, as variáveis que formam o enquadramento são agrupadas de forma a criar grupos com baixas diferenças internas e altas diferenças entre eles. Logicamente, o problema da confiabilidade não está completamente resolvido. Todavia, ele muda da avaliação de um único elemento abstrato, o enquadramento, para a avaliação de diversos elementos mais objetivos (VIMIEIRO, 2010, p. 80).

Tais “elementos mais objetivos” são identificados em uma primeira camada de análise dos textos de *Veja* e *CartaCapital*. Posteriormente agrupados, estes elementos permitem que sejam visualizados os quadros utilizados pela revista em sua editoria de cultura. Para operacionalizar a análise indireta, Vimieiro (2010) recorre à definição de *frame* construída por Entman. De acordo com o autor,

os *frames* definem problemas – determinam o que um agente causal está fazendo, com que custos e benefícios, normalmente medidos em termos de valores culturais comuns; diagnosticam causas – identifica as forças que criam o problema; fazem julgamentos morais – avaliam agentes causais e seus efeitos; e sugerem soluções – oferecem e justificam tratamentos para os problemas e preveem os efeitos prováveis (ENTMAN, 1993, p. 52).

As definições apontadas acima sistematizam a seguinte tabela de elementos estruturais dos *frames*:

Tabela 1 - Elementos estruturais dos *frames*

Tema	-Assunto ou subtópico -Ator social protagonista -Escopo -Editoria
Subtemas	
Valorações	

Recomendações, soluções e/ou julgamentos (posicionamentos)
--

Assinatura do texto

Fonte: Os autores

As especificidades do jornalismo cultural demandam algumas adaptações no quadro sintetizado por Vimieiro (2010). Por exemplo, raramente, em textos culturais, há a presença simultânea dos elementos “recomendações”, “soluções” e “julgamentos”. Assim, estes elementos foram agrupados em um tópico único, denominado “posicionamentos”⁶.

Reiteramos que, nos limites deste artigo, será destacado o elemento “política”. Contudo, antes de descrevê-lo, seguem alguns dados gerais da pesquisa, a título ilustrativo. No período analisado, *Veja* apresentou 97 textos, enquanto *Carta* trouxe 88. O *codebook* construído a partir de uma primeira leitura dos textos resultou em sete elementos de quadro, que englobam protagonistas, temas e subtemas. São os seguintes:

Agenda: datas de lançamento, período de exibição, locais, preço;

Personagem: protagonismo, no texto, de determinada figura pública, como cineastas, cantores, cantoras, atores, atrizes etc;

Identidade: discussões que envolvam minorias identitárias, como LGBTs, negros, indígenas;

Política: admitida aqui em seu sentido *stricto*, com textos que falam sobre partidos, governos e governantes, espectros políticos;

Políticas e processos culturais: leis e diretrizes relacionadas ao fomento cultural; proposta de soluções para questões de memória cultural, patrimônio etc; economia da cultura; trajetórias da cultura, como transformações temporais de determinada manifestação cultural, hibridizações, técnicas de produção;

Produtos: foco em obras vendáveis, como livros, filmes, séries, discos, eventos etc.

⁶ Apesar de os nomes sugerirem uma relação de sinonímia, “valorações” e “posicionamentos” são elementos distintos. O primeiro se resume à observância do julgamento explícito de uma obra (positivo, neutro ou negativo), enquanto o segundo, de maior amplitude, representa a síntese dos elementos “recomendações”, “soluções” e “julgamentos”.

Outros: grupo que engloba temas que não se enquadram em outras categorias e, devido à sua baixa ocorrência, são insuficientes para a formação de quadros. Como exemplos temos religião, *fake news*, saúde mental, direitos dos animais, dentre outros.

Os *frames* apresentados por *Veja* e *CartaCapital* no primeiro semestre de 2018 são definidos a partir do cruzamento dos elementos acima apresentados. Quando, por exemplo, um texto apresenta apenas os elementos “produto” e “agenda”, sem quaisquer outros tópicos, este é enquadrado como “consumo” (pois o produto ou evento encerra-se em si próprio, desconsiderando perspectivas relacionais). Os elementos de quadro encontrados no período, em números absolutos, estão descritos abaixo:

Tabela 2

	Veja	Carta Capital	Total
Agenda	44	22	66
Personagem	11	3	14
Identidade	24	39	63
Política	27	42	69
Políticas e processos culturais	7	12	19
Produtos	84	49	133
Outros	16	28	44
Totais	213	195	408

Fonte: Os autores

A quantificação dos elementos de quadro apresenta 27 ocorrências do elemento “política” em *Veja* e 42 em *CartaCapital*. Este número difere da quantidade de textos identificados sob o quadro “política”. Isso ocorre porque, em muitos casos, há a concorrência de subtemas – política e identidade presentes em um mesmo texto, por exemplo. Para fins de análise, foram considerados os textos nos quais o elemento “política” é preponderante em relação aos outros.

Na análise geral, a porcentagem dos quadros ficou assim definida:

Tabela 3

	Veja	CartaCapital
Consumo	39,1% (38 textos)	15,9% (14 textos)

Identidade	21,6% (21 textos)	32,9% (29 textos)
Política	20,6% (20 textos)	32,9% (29 textos)
Políticas e processos culturais	6,2% (6 textos)	12,5% (11 textos)
Outros	12,5% (12 textos)	5,8% (5 textos)

Fonte: Os autores

Como é possível perceber, tanto *Veja* como *CartaCapital* enquadram a política em suas produções sobre cultura. No caso daquela, trata-se do terceiro quadro com maior ocorrência; em *Carta*, por sua vez, a cultura como política é o quadro principal, com o mesmo número de ocorrências de temáticas identitárias. No próximo tópico, observaremos *o que* estes veículos tematizam quando a política é apresentada através de produtos, personagens e eventos relacionados à cultura.

Enquadramento político em *Veja* e *CartaCapital*

Em *Veja*, os temas com maior recorrência neste quadro são a política estadunidense – 70% dos textos têm escopo internacional – e o Partido dos Trabalhadores (PT). Em relação ao primeiro caso, predomina o cruzamento entre o cinema e a política atual dos Estados Unidos. Na resenha do filme *The Post*, assinada por Isabela Boscov, a obra é descrita como “a exortação de Spielberg contra as *fake news* e as 'versões oficiais' com que o governo de Donald Trump tenta desacreditar o jornalismo independente”⁷, concluindo que “Nixon detestava a imprensa com a mesma intensidade que Trump - e foi vencido, é o que o diretor deixa subentendido”⁸. Os eleitores de Donald Trump são comparados à população do filme *Três anúncios para um crime*, ou seja, “interiorana, branca, pobre, conservadora, religiosa e portadora de armas”⁹. Ambientada nos anos 1970, a temática da série *Wild Wild Country* é trazida para os dias atuais por “trafegar por campos minados do debate público contemporâneo

⁷ “E vamos aos fatos”, edição 2566, p. 100.

⁸ Idem

⁹ “Na margem oposta”, edição 2569, p. 87.

nos Estados Unidos: limites da liberdade religiosa, laicidade do Estado, leis de imigração, direito ao porte de armas de assalto"¹⁰.

Seguindo com a política dos Estados Unidos, a resenha do livro *Hillbilly – era uma vez um sonho* traz críticas às principais pautas do Partido Democrata: "A pauta identitária que os liberais adotaram, efeito do isolamento dos progressistas americanos nos campi universitários e em bolhas sociais sem contato com a massa de eleitores levou (...) a uma "abdição" da política"¹¹, concluindo que "os dilemas americanos não cabem todos na narrativa das conquistas das minorias"¹². A resenha de *A mente imprudente* segue a mesma tônica:

[Mark Lilla] alude a uma preocupação que o tem assolado desde a vitória eleitoral de Donald Trump: o modo como pautas identitárias cada vez mais atomizadas têm distanciado a esquerda americana (que a esquerda brasileira tantas vezes segue de perto) dos anseios coletivos mais amplos do povo americano, facilitando a ascensão do populismo de direita (VEJA, edição 2563, p. 93).

O quadro político, em *Veja*, também apresenta nomes históricos do pensamento de esquerda, como Stalin e Marx. O primeiro é descrito como "o mais implacável, temido e poderoso comandante da União Soviética, o homem responsável pela morte de milhões"¹³, enquanto Marx "não apenas influenciou a história do pensamento: também foi transformado na ideologia oficial de regimes que governaram metade do globo e de partidos e movimentos que ainda hoje lutam avidamente pelo poder"¹⁴.

O livro *Hugo Chávez – o espectro*, de Leonardo Coutinho (jornalista da *Veja*), aparece resenhado por Joel Pinheiro da Fonseca. De acordo com o crítico, o grande mérito do livro é "reunir evidências dispersas pelo globo e contar em detalhes como se deu a rede clandestina de sustentação e promoção do chavismo, na Venezuela e no mundo"¹⁵.

¹⁰ "Choque de civilizações", edição 2577, p. 104.

¹¹ "Visões de uma nova América", edição 2569, p. 94.

¹² Idem.

¹³ "Pastelão comunista", edição 2585, p. 106.

¹⁴ "Marx antes do marxismo", edição 2581, p. 104.

Ao escrever sobre Roger Waters, o jornalista Sérgio Martins afirma que o ex-Pink Floyd “é um grande compositor - mas hoje parece só interessado em brigar com seus pares por causa de Israel”¹⁶. Apesar de estar envolvido com a defesa da causa palestina, Roger Waters “ainda faz música, e boa música, concorde-se ou não com a pregação humanitária das letras”¹⁷.

O período ditatorial brasileiro não figura entre os subtemas de *Veja* no período analisado. A menção mais próxima se relaciona ao Estado Novo, em resenha do livro *O homem mais perigoso do país*, na qual Augusto Nunes afirma que “todas as ditaduras são igualmente repulsivas, mas há um cósmico buraco negro a separar o III Reich do Estado Novo”¹⁸. Esta temática, como veremos em breve, aparece com frequência em *Carta*.

O Partido dos Trabalhadores é tematizado em algumas ocasiões no período, seja com o “humor” de Marcelo Marthe em crítica à novela *Deus salve o Rei* (“Desde que estreou, em 9 de janeiro, as falas de seus personagens evocam mais os discursos de saudação à mandioca da ex-presidente Dilma Rousseff”¹⁹) ou com as relações entre o ex-presidente Lula e a Venezuela, presentes na supracitada obra de Leonardo Coutinho:

O Brasil não poderia ficar de fora da festa. Lula considerava a manutenção do poder chavista nas eleições de 2012 um momento decisivo para a esquerda latino-americana. Ofereceu a *expertise* brasileira em campanhas políticas, na figura de João Santana, bem como doações generosas via Odebrecht e Andrade Gutierrez. (VEJA, edição 2574, p. 95).

No diagnóstico do autor, o Brasil “por pouco não seguiu o mesmo caminho da Venezuela. Quem nos salvou foi o fisiologismo do MDB”²⁰.

O último texto de *Veja* no quadro político traz a crítica de Marcelo Marthe à série *O Mecanismo*, de José Padilha, produto elogiado por transformar “o escândalo

¹⁵ “Painel da catástrofe”, edição 2574, p. 94.

¹⁶ “Animal político”, edição 2563, p. 94.

¹⁷ Idem, p. 95.

¹⁸ “A banalidade do mal”, edição 2564, p. 94.

¹⁹ “Falta soltar os quadris”, edição 2571, p. 94.

²⁰ “Painel da catástrofe”, edição 2574, p. 95.

brasileiro em entretenimento global - sem corromper sua essência”²¹. O autor critica a troca dos nomes dos personagens, estratégia da Netflix para escapar de processos judiciais. De forma didática, o texto apresenta um infográfico no qual cada personagem é associado a seu correspondente real. Escreve Marthe que “mesmo o expediente boboca da troca do nome de Lula e Dilma tem algo a ensinar: na lógica do mecanismo, os políticos são só fantoches para se usar e descartar”²². O autor conclui afirmando que a Operação Lava-Jato, matéria-prima da série de Padilha, alterou uma realidade na qual “os corruptos ainda se moviam à luz do dia sem medo de ser felizes”²³.

Alguns dos temas políticos em *Veja* se repetem em *CartaCapital*, mas com abordagens distintas – o ponto de aproximação entre os veículos são as críticas a Donald Trump. Em *Carta*, na voz de Philip Roth, o presidente estadunidense é descrito como “uma fraude e um megalomaniaco”²⁴. O filme *Vingadores: Guerra Infinita*, traz comparações com o atual momento político dos Estados Unidos: “Thanos é Trump, é o xerife analfabeto do universo”²⁵; “A lição de *Vingadores: Guerra Infinita* é que acordamos tarde para a ameaça. Muitas vezes o mal chega com um discurso de justiça e ordem, constrói muros para separar e bombardeia em nome da paz”²⁶. Comparando o enredo com a política brasileira, escreve o autor que “ao lado do vilão estão os MBLs da vida, puxa-sacos de aluguel em busca das sobras do saqueador”²⁷.

Diferente do que ocorre em *Veja*, aqui a ditadura brasileira e seus desdobramentos são lembrados. Em entrevista, declara a atriz Denise Stoklos que “a tal da anistia é altamente discutível porque se anistiaram os assassinos, que permaneceram usando seu poder mesmo que não fosse nominal”²⁸. Egberto Gismonti também relaciona os anos da ditadura ao período atual: “[Hoje] está um horror. Eu não chamaria

²¹ “O mundo assiste à Lava-Jato”, edição 2574, p. 88.

²² *Idem*, p. 92.

²³ *Idem*.

²⁴ “Roth e o ocaso do romance”, edição 1005, p. 54.

²⁵ “Thanos, o deus reacionário”, edição 1002, p. 54.

²⁶ *Idem*.

²⁷ *Idem*.

²⁸ “A extinção de tudo”, edição 1003, p. 52.

de ditadura, porque ditadura a gente conhece. Neste momento, nós não temos sequer algo para admirar em contrapartida ao que a gente odeia"²⁹.

Embora ainda não tivesse sido lançado naquele momento (sequer possuía editora), o livro *Cativeiro sem fim* foi resenhado por Jotabê Medeiros. O crítico afirma que

no Brasil do golpe de 2016, a intervenção militar entra em campo de novo com esse intuito, de afirmar um governo sem apoio popular e que apregoa uma falsa recuperação econômica. A decorrência disso é censura, manipulação de informações e violência (CARTA CAPITAL, edição 995, p. 50).

O “Brasil do golpe de 2016” é o principal tema do quadro político de *CartaCapital*, o que pode ser percebido em trechos como:

-“Tevê ligada diante das câmeras, a família assiste à condução coercitiva de Lula por determinação do paranaense Sergio Moro, ídolo do pai. 'Me tira do sério essa Rede Globo', a filha desabafa. O pai chama Dilma, presidenta deposta, de 'a moça'. A filha se enfurece. A mãe deixa a sala"³⁰.

-“A esta altura do campeonato, só mesmo golpistas não admitem que Michel Temer é um presidente ilegítimo e o mandato popular de Dilma Rousseff foi roubado por eles”³¹;

-“*Tempos de cigarro sem filtro* é uma obra de susto, porque foi parida antes da hora. O golpe e a intervenção federal no Rio precipitaram o lançamento por uma editora de resistência”³²;

-“Com a velha rebeldia renovada pela situação política do país, o Armada estreia com pelo menos um clássico pós-golpe, *O ódio venceu*”³³;

-“(…) o livro é mais um esforço no sentido de clarear o debate que o Brasil levantou nos últimos 40 anos, e que parece que está sendo triturado por um rolo compressor de regressismo e reacionarismo nos últimos tempos”³⁴;

²⁹ “O homem à janela”, edição 990, p. 50.

³⁰ “As entranhas de concreto”, edição 1004, p. 53.

³¹ “O golpe midiático” edição 994, p. 48.

³² “As horas sombrias”, edição 995, p. 51.

³³ “Rock é só rock mesmo”, edição 990, p. 55.

- "Por fim aparece o rosto do piauiense Moreira Franco, atual homem forte do governo de 'intervenção militar constitucional' e 'Gato Angorá' dos grampos e delações de Michel Temer (...) o amigo Angorá está no poder, que arrancou a fórceps de um útero feminino"³⁵;

O livro *Elite do Atraso*, de Jessé Souza, reitera alguns pontos já demarcados pelo jornalismo cultural de *CartaCapital*. A obra é apresentada como "único título à esquerda em rankings da situação, como o da revista *Veja*"³⁶. Há, tanto na obra como no texto que a resenha, uma recomendação: a necessidade de um novo paradigma de compreensão do Brasil, originado das classes populares. "Sempre foi a direita que estabeleceu os paradigmas"³⁷, afirma Jessé Souza.

De forma resumida, estes são os posicionamentos de *Veja* e *CartaCapital* em seus quadros políticos:

-*Veja*: críticas a Donald Trump, às pautas identitárias liberais, a governos de esquerda – especialmente o PT, que “transformaria o Brasil numa Venezuela”³⁸, criminalização da esquerda, elogios à Operação Lava-Jato.

-*CartaCapital*: crítica à criminalização da arte, ao governo Temer, a movimentos de viés conservador, como o Movimento Brasil Livre (MBL); necessidade de estabelecimento de um paradigma de esquerda na história brasileira.

Ou seja, nos textos observados, foi possível identificar conteúdos alinhados com o projeto editorial destes veículos.

Considerações finais

A análise do quadro político do jornalismo cultural de *Veja* e *CartaCapital* permitiu identificar maior presença de distanciamentos do que de aproximações. Em ambos os casos, foi perceptível o alinhamento entre a editoria de cultura e a identidade política dos veículos.

³⁴ “O teorema de Sócrates”, edição 993, p. 52.

³⁵ “A voz do morto que grita”, edição 994, p. 51.

³⁶ “O golpe dos burros”, edição 985, p. 48.

³⁷ Idem.

³⁸ “Painel da catástrofe”, edição 2574, p. 95.

Neste artigo também buscamos delinear uma metodologia para a análise do jornalismo cultural, a partir da análise indireta de *frames* aplicada por Vimieiro (2010) em dissertação sobre enquadramentos históricos relacionados a portadores de necessidades especiais. Recorte e temas distintos demandaram adaptações no método, que ainda pode ser refinado para abarcar todas as especificidades do jornalismo cultural.

Observar a materialização jornalística de interpretações públicas através do enquadramento possibilita uma amplitude de olhar, sem perder de vista o aprofundamento sobre o objeto empírico. O principal objetivo desta metodologia é equilibrar o objeto entre uma perspectiva conteudística e outra excessivamente subjetiva (típica da pesquisa tradicional em enquadramento), utilizando-se dos pontos fortes de cada uma delas.

Nos limites deste artigo, buscamos explicitar o método de forma sintética, dedicando maior espaço e esforços na etapa operacional. Além dos distanciamentos identificados na análise, é possível nos aprofundarmos em outras camadas interpretativas, cruzando informações como escopo dos textos, assinatura, além de outros elementos presentes no quadro que sintetiza as definições de Entman (1993).

Por fim, este artigo buscou demonstrar que, embora o caráter de mera agenda se faça presente em quantidade relevante no jornalismo cultural destes veículos, há uma busca por posicionar a cultura de forma relacional, através de conexões com questões contemporâneas. Política e identidade são assuntos com alta permeabilidade no debate público atual, e o jornalismo cultural de *Veja* e *CartaCapital*, cada qual à sua maneira, não se furta a essas questões.

Referências

ALBERTI, Vanderléia. **Revista VEJA impressa e on-line: dois meios, dois discursos.** São Paulo: USP, 2015.

ENTMAN, Robert. **Framing: toward clarification of fractured paradigm.** *Journal of Communication*, v 43, n 4, 1993.

FARO, J. S. **Jornalismo cultural: informação e crítica, mais que entretenimento.** Metodista, 2007.

VIMIEIRO, Ana Carolina Soares Costa. **Cultura pública e aprendizado social: a trajetória dos enquadramentos sobre a temática da deficiência na imprensa brasileira (1960-2008).** Belo Horizonte, 2009.